

SALÃO DE 1846 (*excertos*)

AOS BURGUESES

Sois a maioria — em número e inteligência; portanto, sois a força — que é a justiça.

Sois, uns, sábios, outros, proprietários; um dia radioso virá em que os sábios serão proprietários e os proprietários serão sábios. Então o vosso poder será completo, e ninguém protestará contra ele.

Enquanto não chega essa harmonia suprema, é justo que aqueles que não passam de proprietários aspirem a tornar-se sábios; porque a ciência é não menor prazer que a propriedade.

Possuís o governo da cidade, e isso é justo, visto que sois a força. Mas tereis que estar aptos a sentir a beleza; é que, tal como hoje nenhum de vós pode dispensar o poder, também ninguém tem o direito de dispensar a poesia.

Podeis viver três dias sem pão; sem poesia, nunca; e aqueles de vós que dizem o contrário estão enganados: não se conhecem.

Os aristocratas do pensamento, os distribuidores do elogio e da censura, os açambarcadores das coisas espirituais disseram-vos que não tínheis o direito de sentir e de fruir; são uns fariseus.

Porque vós possuís o governo de uma cidade onde está o público do universo, e tereis de ser dignos dessa tarefa.

Fruir é uma ciência, e o exercício dos cinco sentidos exige uma iniciação especial, que só se faz por força da boa vontade e da necessidade.

Ora, vós precisais da arte.

A arte é um bem infinitamente precioso, uma beberagem que refresca e que aquece, que restabelece o estômago e o espírito no equilíbrio natural do ideal.

Havereis de perceber a sua utilidade, ó burgueses — legisladores ou comerciantes —, quando, soada a sétima ou a oitava hora, ela vos inclinar as cabeças fatigadas para as brasas da lareira e para as orelhas do cadeirão.

Um desejo mais ardente, um mais activo devaneio, poderiam então repousar-vos da actividade quotidiana.

Mas os açambarcadores quiseram afastar-vos dos pomos da ciência, porque a ciência é o balcão e a loja deles, e são infinitamente ciosos dela. Se vos tivessem negado o poder de fabricar obras de arte ou de compreender os processos de as fabricar, teriam afirmado uma verdade que vos não ofenderia, porque os negócios públicos e o comércio absorvem três quartos do vosso dia. Quanto aos lazeres, devem, pois, ser empregados na fruição e na volúpia.

Mas os açambarcadores proibiram-vos de fruir, porque não tendes a inteligência da técnica das artes, como a tendes das leis e dos negócios.

Todavia, se dois terços do vosso tempo são preenchidos pela ciência, é justo que o terceiro terço seja ocupado pelo sentimento, e só pelo sentimento é que haveis de compreender a arte; é assim que será constituído o equilíbrio das forças das vossas almas.

A verdade, por ser múltipla, nem por isso é dupla; e tal como na vossa política ampliastes os direitos e os benefícios, estabelecestes nas artes uma maior e mais abundante comunhão.

Vós, burgueses — rei, legislador ou negociante —, instituístes colecções, museus, galerias. Algumas das que há dezasseis anos só estavam abertas para os açambarcadores abriram as portas de par em par à multidão.

Associastes-vos, formastes companhias e contraístes empréstimos para realizar a ideia do futuro com todas as suas diversas formas, política, industrial e artística. Nunca em qualquer nobre empreendimento entregastes a iniciativa à minoria protestante e sofredora, que é, aliás, a inimiga natural da arte.

Porque deixar-se alguém ultrapassar em arte e em política é suicidar-se, e uma maioria não pode suicidar-se.

O que fizestes pela França, fizeste-o por outros países. O museu espanhol veio aumentar o volume das ideias gerais que deveis possuir acerca da arte; porque sabeis perfeitamente que, tal como um museu nacional é uma comunhão cuja doce influência entenece os corações e amacia as vontades, também um museu estrangeiro é uma comunhão internacional, em que dois povos, observando-se e estudando-se mais facilmente, se interpenetram um e outro e confraternizam sem discussão.

Vós sois os amigos naturais das artes, porque sois, uns, ricos, outros, sábios.

Se oferecestes à sociedade a vossa ciência, a vossa indústria, o vosso trabalho, o vosso dinheiro, exigis a vossa paga em fruição do corpo, da razão e da imaginação. Se recuperardes a quantidade de fruição necessária ao restabelecimento do equilíbrio de todas as partes do vosso ser, sereis felizes, saciados e benevolentes, tal como a sociedade estará saciada, feliz e benevolente quando tiver encontrado o seu equilíbrio geral e absoluto.

É, pois, a vós, burgueses, que este livro é naturalmente dedicado; porque todo o livro que não se dirigir à maioria — em número e inteligência — é um livro tolo.

1 de Maio de 1846

I

PARA QUÊ A CRÍTICA?

Para quê? Vasto e terrível ponto de interrogação, que agarra a crítica pela gola do casaco desde o primeiro passo que pretenda dar no seu primeiro capítulo.

O artista começa por censurar à crítica o facto de nada poder ensinar ao burguês, que não quer pintar nem rimar — nem à arte, já que foi das suas entranhas que a crítica saiu.

E, contudo, quantos artistas deste tempo só a ela devem a sua pobre nomeada! Será talvez essa a verdadeira censura a fazer-lhe.

Vimos como um Gavarni representou um pintor curvado sobre a sua tela e, atrás dele, um cavalheiro, grave, seco, hirtó e engravatado

de branco, tendo na mão o seu último folhetim. «Se a arte é nobre, a crítica é santa.» — «Quem disse isso?» — «A crítica!» Se ao artista cabe com tanta facilidade o bom papel, é porque o crítico é sem dúvida um crítico como há tantos.

Em matéria de meios e processos — das obras em si mesmas¹ o público e o artista nada têm aqui a aprender. Essas coisas aprendem-se no *atelier*, e o público só se preocupa com o resultado.

Creio sinceramente que a melhor crítica é a crítica divertida e poética; não esta, fria e algébrica que, a pretexto de explicar tudo, não tem ódio nem amor, e que voluntariamente se despoja de qualquer espécie de temperamento; mas sim — uma vez que um belo quadro é a natureza reflectida por um artista — aquela que consistirá nesse quadro reflectido por um espírito inteligente e sensível. Assim, a melhor recensão de um quadro poderá ser um soneto ou uma elegia.

Mas este género de crítica destina-se às colectâneas de poesia e aos leitores poéticos. Quanto à crítica propriamente dita, espero que os filósofos compreendam o que vou dizer: para ser justa, isto é, para ter a sua razão de ser, a crítica deve ser parcial, apaixonada, política, quero dizer, feita de um ponto de vista exclusivo, mas do ponto de vista que abre mais horizontes.

Exaltar a linha em detrimento da cor, ou a cor à custa da linha, é, sem dúvida, um ponto de vista; mas não é amplo nem justo, e denota uma grande ignorância dos destinos individuais.

Ignora-se em que dose a natureza misturou em cada espírito o gosto pela linha e o gosto pela cor, e através de que misteriosos processos ela opera tal fusão, cujo resultado é o quadro.

Assim, um ponto de vista mais amplo será o individualismo bem entendido: determinar ao artista a ingenuidade e a expressão sincera do seu temperamento, auxiliada por todos os meios que lhe são concedidos pelo seu ofício². Quem não tem temperamento não é digno de fazer quadros, e — como estamos cansados dos imitadores, e sobretudo

¹ Bem sei que a crítica actual tem outras pretensões; assim, recomendará sempre o desenho aos coloristas e a cor aos desenhadores. É de gosto muito sensato e altamente sublime! — *Nota do Autor.* [Todas as notas sem indicação de autoria são da responsabilidade do Organizador e do Tradutor.]

² A propósito do individualismo bem entendido, ver no *Salão de 1845* o artigo sobre William Haussoullier. Apesar de todas as censuras que a este respeito me fizeram, insisto na minha convicção; mas é preciso compreender o artigo. — *Nota do Autor.*

dos ecléticos — deve entrar como operário ao serviço de um pintor com temperamento. É o que demonstrarei num dos últimos capítulos.

Agora munido de um critério seguro, critério esse colhido na natureza, o crítico deve cumprir com paixão o seu dever; porque, por ser crítico, nem por isso é menos homem, e a paixão aproxima os temperamentos similares e ergue a razão a novas alturas.

Disse algures Stendhal: «O pintor não é mais que moral construída!» Quer se entenda esta palavra moral num sentido mais ou menos liberal, pode dizer-se o mesmo de todas as artes. Como elas são sempre o belo expresso pelo sentimento, pela paixão e pela fantasia de cada um, isto é, a variedade na unidade, ou as faces diversas do absoluto — a cada instante a crítica atinge a metafísica.

Visto que cada século, cada povo teve a expressão da sua beleza e da sua moral, e se quisermos entender por romantismo a expressão mais recente e mais moderna da beleza, para o crítico sensato e apaixonado o grande artista será, por conseguinte, aquele que juntar à condição acima exigida a ingenuidade — tanto romantismo quanto possível.

II

QUE É O ROMANTISMO?

Poucos aceitarão hoje em dia atribuir a esta palavra um sentido real e positivo; mas será que, porém, se atreverão a afirmar que toda uma geração aceita travar uma batalha de vários anos por uma bandeira que não constitui um símbolo?

Lembremo-nos das perturbações destes últimos tempos, e veremos que, se é certo que poucos românticos restaram, foi porque poucos de entre eles encontraram o romantismo; mas todos os procuraram sincera e lealmente.

Alguns dedicaram-se exclusivamente à escolha dos assuntos; e não possuíam o temperamento dos seus assuntos. Outros, acreditando ainda numa sociedade católica, procuraram reflectir o catolicismo nas suas obras. Autodenominar-se romântico e olhar sistematicamente para o passado é contradizer-se. Estes, em nome do romantismo, blasfemaram